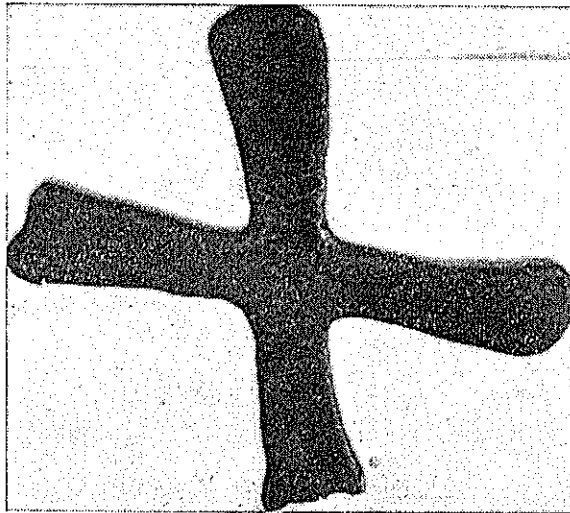


CRUZETAS DE COBRE

POR JOSÉ MARIA FOLGOSA

Quando da Exposição Filatélica e Numismática de Lourenço Marques, em 1953, o meu Amigo e confrade Sr. Manuel Afonso Mourão cedeu-me, para nela figurar, uma cruzeta em cobre, com a forma de um «X», cruzeta esta que lhe fora oferecida, pouco tempo antes, por pessoa amiga vinda de Angola.



O espécime é um «X» perfeito, com uma das hastes, ou ramo, partido na extremidade, devido ao uso que o indígena, seu primitivo possuidor, dela fazia, como extractor dos fulminantes de cartuchos «Schneider», ao que parece, dado o diâmetro do fundo do cartucho que se encontra perfeitamente gravado no extremo de uma das hastes. A mesma deve ter sido fundida em molde de areia, pois é perfeitamente visível o seu gra-

nulado. Do lado oposto nota-se a ondulação e contracção que o metal sofreu quando do seu arrefecimento. Apresenta uma pátina vermelho-escuro esverdeada, quase uniforme, e as suas características são as seguintes:

Comprimento	23 e 22 centímetros
Espessura máxima	0,88 »
» mínima	0,60 »
Peso	75 gramas

Resultado da análise: Cobre em Cu = 98,03%.

Segundo vários autores portugueses, a cruzeta em questão, seria de origem angolana e representaria o símbolo mais em evidência que os nativos de Angola teriam notado nas moedas ali circulantes. A cruzeta, por sua vez, circulava como moeda, sendo-lhe atribuída uma época, meados do século XVIII.

Já em Agosto de 1938, quando da Exposição-Feira de Luanda, o articulista que descreve o «Pavilhão do Banco de Angola», diz-nos que os indígenas do interior da Lunda e de Benguela, fundiam uns curiosos objectos com a forma de «X», os quais eram uma espécie de moeda usada entre eles, e que há uns 40 ou 50 anos era ainda frequente o seu aparecimento. Entretanto, a quando da mesma Exposição, apesar das diligências efectuadas, não se conseguiu um único exemplar, pelo que, para complemento da colecção monetária exposta, se exibiu uma imitação da cruzeta, feita expressamente para a Exposição-Feira. O mesmo articulista considera a cruzeta, em «X», do século XVIII.

*

* *

Alguns autores estrangeiros, referindo-se às cruzetas, são de opinião que elas tiveram origem em recuados tempos, pois que muito antes da introdução da moeda, pelos europeus, em África, o cobre das minas de Katanga, já era utilizado em grandes unidades de troca, com formas variando entre I, \bar{I} , H e X. Esta moeda, se assim se lhe pode chamar, dispersou-se em vasta área, contribuindo para isso as constantes correntes migratórias das populações africanas, na conquista de terras, nos mais diversos sentidos.

Quando estas correntes migratórias eram sustidas por qualquer causa, o movimento de propagação não cessava no entanto; embora atenuada-

mente as caravanas de comércio iam dissiminando o seu uso. E seria assim que o cobre, sob as formas descritas, aparecia mesmo nos pontos mais distantes dos locais de fabrico. Natural era, também, que os indígenas das regiões onde existisse malaquite, aprendessem a extrair e fundir cruzetas.

Assim, por 1867, o capitão-mór do Zumbo, oficiava ao Governador do distrito de Tete, informando-o de que tinham aparecido vários indígenas, do interior, a negociar barras de cobre, certamente oriundo das minas da região de Katanga. Seria este cobre que, chegado a Tete, se espalharia não só pelo distrito como desceria, levado pelas caravanas e «almadias», para Sena e daí a Quelimane, fazendo assim a sua aparição nas margens do Índico.

Mr. Thompson, conta-nos uma história acerca das cruzetas e barras, dizendo que os indígenas da região de Katanga iam buscar o metal ao cimo de certos montes ásperos e escavados, onde abriam poços a profundidades nunca superiores a 4, 5 ou 6 metros, pois não conheciam o escoramento como medida de segurança. No forno era colocado em camadas alternadas com carvão vegetal.

Os fundidores de várias tribos que se dedicavam a este mister, moldavam a sua própria forma, e a cruz de Santo André, isto é, o «X», era exclusiva da tribo «Ba-Sanga» e denominada por eles «Mahandi». As barras em forma de «H», seriam da tribo «Ba-Lemba» e, as peças fundidas em forma de «I» eram pertença dos «Ba-Pedi». Estas tribos eram residentes na região de Katanga.

Era pois Katanga onde se encontrava a maior indústria de fundição de cobre de toda a África, e o negócio era passado de pais a filhos, como a Medicina, sendo as instruções dos antepassados religiosamente seguidas. Na fundição destes objectos, que se fazia na areia húmida, a comparação entre 20 peças oriundas da mesma forma, não mostrava diferenças superiores a 4-5 milímetros, entre os espécimes. A cruz de Santo André usada desde tempos imemoriais não tem, como se poderia supor, afinidade com o símbolo cristão e as suas origens são desconhecidas. Primitivamente as cruzes eram de peso muito mais avultado, parecendo que as pequenas, isto é, inferiores a 800 gramas, seriam as fundidas no século XVIII.

Na maioria dos espécimes há uma guarnição levantada, ou nervura, correndo ao longo do centro das hastes, variando estas, como se disse, em tamanho e peso. A maior forma das barras é a que representa o «I», oscilando o seu peso entre 27 e 31 quilos, sendo vistas em toda a África Central.

A cruz de Santo André, era a forma mais usual e corrente da Zambézia à Uganda e da Costa Ocidental à Oriental. A barra em «H», seria a mais pequena, e parece ter sido posta a circular muito tempo antes da tribo «Balula» vir do Tanganica, cerca de 1.600. Mr. Gibbs obteve umas 20 variedades da pequena cruzeta em «H», por intermédio de um missionário, que por sua vez as adquiriu, por dádiva, dos seus alunos indígenas que as descobriram dentro de panelas de barro, nas ruínas de «Zumbabiva», próximo da Missão.

O missionário afirma que as ruínas de «Zumbabiva», são os restos de uma cidade de paredes de pedra... as ruínas foram descobertas em 1868 e exploradas em 1871. Foi crença inicial que as ruínas eram as de um povo branco ou oriental antigo, mas arqueologistas mais recentes, são de opinião, por excavações e numerosos objectos encontrados, que as ruínas não são realmente antigas, no verdadeiro sentido da palavra, provavelmente não sendo anteriores à época do XII ou XIV séculos.

Também nas excavações a que se procedeu nas ruínas do «Zimbabué», foram encontradas: «porcelana chinesa, vidros azul-escuro de fabrico persa... barras de cobre com a forma da letra «X» e moldes da mesma foram descobertos...

As cruzes de Santo André, cruzes pequenas, medindo entre 20-24 centímetros, crêem os autores que são recentes, isto é, do século XVIII, mostando-se assim de acordo com os autores portugueses, e seriam fundidas com o cobre roubado nas minas do Governo belga, sendo severamente punidos todos os indígenas que com elas fossem encontrados. Há, também, unanimidade na afirmação de que as cruzes destas medidas são raras e raramente vistas, excepto em Museus ou grandes colecções. No Museu Nacional de Bulawayo encontram-se 5 barras «Mahandi», com os pesos seguintes:

3,764; 0,616; 0,784; 0,476; e 0,252 quilos

A análise da barra de 252 gramas deu 98,8% de cobre, o que é sensivelmente igual à análise da cruzeta do Sr. Mourão.

*

* *

Uma das tribos fundidoras de cobre, os «Ba-Venda», e de acordo com as suas tradições, emigrou para Sul, passou a Rodésia e atravessou

sou o rio Limpopo por volta de 1800, estabelecendo-se ao Norte do Transval. Aqui, os «Mu-Tsuku», copiaram a arte de fundir dos «Ba-Venda», entregando-se ao negócio vendendo o cobre à razão de 65 gramas por enxada, tendo esta o preço médio de 900 reis. Anteriormente as grandes peças serviram para a compra de escravos, noivas e espingardas. Na província, sobretudo no Norte e na Zambézia, o cobre em anilhas era vendido à razão de 2\$000 reis a «corja», isto é, 20 anilhas.

As barras trabalhadas destinavam-se, no geral, às cerimónias gentílicas, as não trabalhadas eram destinadas ao comércio. A indústria do cobre dos nativos do Norte do Transval terminou por volta de 1860; a de Katanga quando para lá foram os belgas. As grandes barras, as de muitos quilos, desapareceram, provavelmente vendidas aos europeus ou desfeitas pelos indígenas para com elas fazerem vários artefactos, tais como pontas de seta, anilhas e arame, para enfeite dos braços e pernas das madames nativas.

Pode asseverar-se que a cruz de Santo André é, em última análise, moeda que circulou, tanto na África Central como em Angola e Moçambique, sendo muito possível que os artífices zambezianos as tenham fundido, pois não devemos esquecer que os nativos desta região são hábeis ourives e da mesma forma que as fundiram, poderão também tê-las derretido, mais tarde, para juntar ao ouro dos «maticais» e fazerem fio de cobre, por as cruzetas terem perdido o seu poder de compra e o fio de cobre ser bastante procurado.

Bibliografia:

- O Pavilhão do Banco de Angola na Exposição-Feira de Luanda. Agosto de 1938. Descrição das Moedas de Angola e S. Tomé e Príncipe, por Luís Pinto Garcia.
 Catálogo da Exposição Histórica da Ocupação, vol. II, por Pedro Batalha Reis.
 The primitive money of Africa; in The Numismatist. fasc. 7, vol. 66, por Col. Phares O. Sigler.
 Ingots of Native manufacture, by N. H. D. Spicer, in «NADA» The Southern Rhodesia Native Affairs Dept. N.º 26-1949.

Lourenço Marques, 7 de Setembro de 1954.